

Os poetas são os legisladores não reconhecidos do mundo.

Percy Bysshe Shelley

A BMJBM propõe que a poesia seja um texto para todos os dias. Esta finalidade de aproximar o texto poético das pessoas e dos lugares foi tomando forma em pequenas atividades do seu programa de ação até se tornar, em 2012, um eixo fundamental na promoção da leitura. Assim nasceu a iniciativa *Poesia, um dia* que decorreu em setembro e reuniu em Ródão poetas, leitores, textos e imagens poéticas. Ródão foi então um território a descobrir a poesia nos mais inesperados lugares e com os mais surpreendentes protagonistas. Esperamos continuar a ter oportunidade de dar muitos dias à poesia e aos poetas. Eles merecem.



Tens olhos, ninguém tem de te dizer para ver.

Margarida Vale de Gato



Postais criados por Elisa Aragão e Teodora Boneva.

Palavras sentidas – oficina de escrita e leitura de poesia



Uma das primeiras iniciativas empreendidas na BMJBM, para promover o gosto pela poesia, aconteceu em março de 2009, mês em que se comemora o Dia Mundial da Poesia, e foram seus destinatários os alunos do 7.º e 8.º. anos do Agrupamento de Escolas de Vila Velha

de Ródão. Estes jovens, acompanhados pelos seus professores de português, criaram textos poéticos numa oficina de escrita organizadas e desenvolvidas pela Biblioteca Municipal. Dos textos criados, foram selecionados seis que deram origem a uma coleção de postais, com design de Sónia Ca-

etano. Os postais foram distribuídos gratuitamente à população, no dia 21 de março desse ano. Em maio do mesmo ano, o atelié *Palavras sentidas* direcionou-se para a leitura em voz alta, tendo sido suas destinatárias, entre outras pessoas, as alunas de um curso de formação em tapeçaria.

Livro que ladra não morde

Em maio de 2010, o escritor Sandro William Junqueira esteve em Vila Velha de Ródão, para, numa iniciativa conjunta entre a Biblioteca Municipal JBM e a Direção-Geral do Livro dos Arquivos e das Bibliotecas, apresentar o seu espetáculo *Livro que ladra não morde*, integrado no programa de animação da Feira do Livro desse ano, ao qual assistiram os alunos do 2.º. e 3.º. ciclos do Agru-

pamento de Escolas de Vila Velha de Ródão.

Ainda no âmbito da Feira do Livro e das comemorações do Dia Mundial da Criança, no mês de junho, foram proporcionados aos alunos do 1.º. ciclo a oficina de leitura *Estendal de poesia* e às crianças de educação pré-escolar o atelié *A rainha D. Urraca e a sua vaca*, ambos dinamizados pelo coletivo dramático Grupo do Sótão.



Correio poético

SOPHIA DE NELLO BREYNER ANDRESEN

PORQUE

Porque os outros se mascaram mas tu não
Porque os outros usam a virtude
Para compezar o que não tem perdido.
Porque os outros têm medo mas tu não.

Porque os outros são os rúmulos calados
Onde germina calada a podridão,
Porque os outros se calam mas tu não.

Porque os outros se compram e se vendem
E os seus gestos dão sempre dividendo,
Porque os outros são híbeis mas tu não.

Porque os outros vão à sombra dos abrigos
E tu vais de mãos dadas com os perigos.
Porque os outros calculam mas tu não.



Em 2010 foi criado e dinamizado pela BMJBM um projeto inédito de envio de poesia, pelos CTT ou por *email*, para leitores de todas as idades, residentes na sua maioria no concelho de Vila Velha de Ródão, a que foi dado o nome de *Correio poético*. Dado que de tratou de uma experiência extraordinariamente gratificante para todos os que nela se envolveram, vale a pena relembrar a forma como teve início e se desenvolveu.



A fonte de inspiração do projeto foi o poeta António Salvado. Sendo hábito deste poeta albicastrense enviar pelo correio os seus livros de poesia aos amigos, era habitual que a biblioteca e a sua bibliotecária os recebessem. Um dia, uma destas obras, o livro *Outono*, foi acolhido com especial deleite pela bibliotecária da BMJBM. A satisfação provocada por aquela leitura tão oportuna lembrou-lhe como seria bom se as pessoas recebessem em casa poemas que lhes transformassem os dias. Assim, nada mais natural que envolver o poeta António Salvado nesta tão ambiciosa iniciativa.



No dia 21 de março de 2010, foram apresentados o projeto *Correio poético* e o livro *Outono*, de António Salvado. Fizeram-se leituras em voz alta que não foram esquecidas pelo poeta como podemos constatar pelo testemunho da página ao lado, desvelaram-se processos de escrita, revelou-se um poeta e o seu mundo. Mas também houve tempo para informar os presentes acerca do projeto *Correio poético*. Abriam-se inscrições para receber os poemas, e foi com imensa alegria que recebemos a primeira inscrição pela mão de uma pequena leitora de nove anos, naquela altura, a mesma que, durante a conversa com o poeta, lhe perguntou como escrevia ele os seus textos e se antes de os escrever fazia uma área vocabular.



Seguiu-se um longo processo de seleção, composição gráfica e envio de poemas. O poeta António Salvado participou ativamente na seleção de poemas, que enviava regularmente pelo correio para a BMJBM. A lista de destinatários crescia todos os meses. E a maior curiosidade, que aprendemos pelo testemunho da mãe de uma das muitas crianças que recebiam poesia, foi que o seu filho esperava impacientemente pelo seu *Correio poético*, porque essa era a única correspondência que recebia, ao contrário dos seus pais. E nesse dia, por ele ansiado, sentia-se, invariavelmente, crescido. Em Fevereiro de 2011, o projeto chegava ao fim. Tinham sido enviados, de modo personalizado, mais de uma centena de poemas para uma listagem de mais de 100 destinatários. Novos projetos e iniciativas se seguiram para satisfazer o gosto, ainda recente para alguns, de ler poesia.



É sempre motivo de funda alegria poder recriar-se pela palavra memorizada algo que colorou mais vivamente o nosso sangue. Ao 'resíduo' que para todo o sempre dentro de nós ficou chama-se Saudade.

Cómoda mas inquietante situação: sentado com conforto e rodeado pela respiração afável e comovente de seres humanos jovens e menos jovens, o poeta surgia quase como um intruso a perturbar aquela atmosfera tão harmónica e serena, pronta o ouvir versos de um livro de que o poeta era autor. Ele-próprio, em voz pouco vibrante aliás, aturdiu aqueles ouvidos amáveis com vogais e consoantes que pretendiam emitir sentidos e significados. Recebeu ele, com visível contentamento, os aplausos imerecidos. No entanto, o desordenado latejar do coração do poeta de súbito foi surpreendido por vozinhas cálidas, fascinantes, luminosas, de quase-crianças a dizerem os seus versos! Estranha sensação: pela primeira vez e naquele espaço povoado de ternura, o poeta sentiu que os seus versos talvez tivessem algum valor e que o tempo que preencheria a escrevê-los não fora de todo inútil.

Lá fora, o rio e as oliveiras acenavam com inspiração recôndita ao poeta: que o cantasse, que as ritmasse. E o poeta cogitou: um dia será.

E esse dia levou estações a chegar. É que, perenemente vividas, as vozes das muito-jovens raparigas a dizerem os seus versos alimentavam, sobrepondo-se a quaisquer devaneios criativos, o que ainda havia de pureza na alma do poeta.

António Salvado



Os dias em que Ródão foi um território poético

Entre 14 e 19 de setembro, o concelho de Vila Velha de Ródão assumiu uma nova dimensão, a de território poético. Por ocasião do seu quarto aniversário, a Biblioteca Municipal, dando continuidade ao trabalho que lhe cabe na promoção da leitura, encarregou-se da organização do evento *Poesia, um dia*, como celebração deste género literário onde a palavra é maior. O evento, gerador de encontros com poetas e textos poéticos, teve um impacto muito visível nos lugares onde as iniciativas foram acontecendo e deixou marcas profundas em todos os que nele se envolveram.

Residência Literária na Foz do Cobrão

Quando recebemos na Biblioteca Municipal os poetas Jaime Rocha, Margarida Vale de Gato e José Mário Silva, não imaginávamos o quanto mudariam as nossas vidas. Todos os que tiveram o prazer de os conhecer ficaram surpreendidos com a simpatia, a generosidade e o talento que emprestaram à residência literária ocorrida na Foz do Cobrão. Além de produzirem excelentes textos poéticos, inspirados simultaneamente na poesia de Ruy Belo e na realidade do país no dia 15 de setembro, não se esquivaram ao relacionamento com a aldeia que habitaram. E, no dia seguinte, foi com inteira disponibilidade que leram os textos entretanto produzidos e participaram numa entusiástica conversa, brilhantemente moderada por Elsa Ligeiro, que durou mais de duas horas.



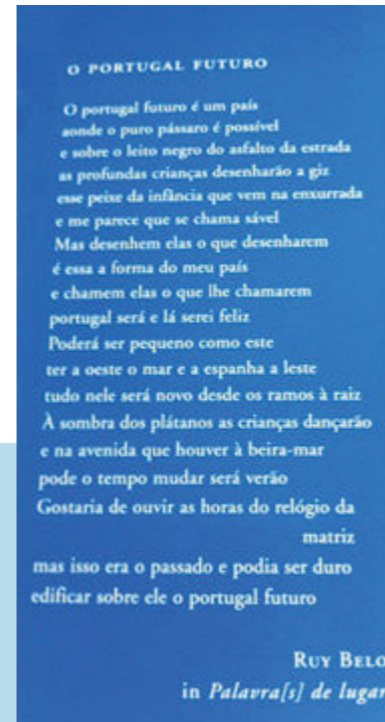
«Na última década, a estratégia prosseguida pelo município focou-se na concretização de investimentos relevantes nas várias áreas, nomeadamente na cultura e na requalificação do património.

Apesar dos muitos obstáculos surgidos e da invulgar dimensão do esforço que foi necessário realizar, os objectivos foram alcançados e o trabalho concretizado é hoje uma realidade em todo o território do concelho!

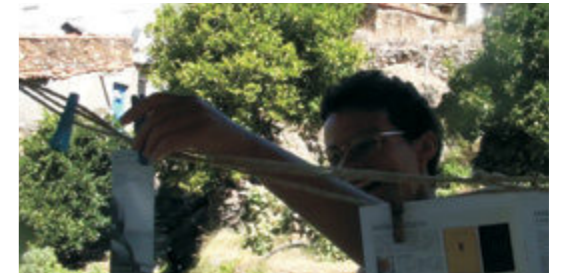
Realidade é também a dinâmica que hoje se vive na área cultural, com um conjunto de actividades bastante alargado e que envolvem toda a comunidade, com particular destaque para os mais novos.

Mais do que nunca, importa agora afirmar o mérito desta estratégia, dinamizando e divulgando as estruturas criadas, num processo participativo em que o envolvimento de todos é crucial para o seu êxito.»

Luís Miguel Ferro Pereira
Vice-Presidente da Câmara Municipal



A experiência de escrita partilhada, que os três poetas viveram na Foz do Cobrão, foi descrita por José Mário Silva, com o rigor que lhe é reconhecido, no seu premiado blogue literário *Bibliotecário de Babel*. É esse texto que a seguir transcrevemos, acrescentando apenas o que faltou a José Mário Silva nessa altura: os textos escritos por Jaime Rocha no seu caderno, aos quais, graças à boa vontade do poeta, tivemos posteriormente acesso.



Poemas da Foz do Cobrão

No dia das grandes manifestações que varreram o país, com centenas de milhares de pessoas a saírem à rua contra o estado das coisas e o sufoco da austeridade, a Margarida Vale de Gato, o Jaime Rocha e eu deambulámos pela aldeia de Foz do Cobrão, no concelho de Vila Velha de Ródão, a convite da Biblioteca Municipal e da sua principal dinamizadora, Graça Batista. À tarde, numa casa que em tempos foi uma escola primária, partimos do poema de Ruy Belo que o Jaime Rocha encontrou por acaso naquela manhã (num marcador, dentro de um livro de Paul Celan) e cada um escreveu uma aproximação a *O Portugal Futuro*.

Eis a da Margarida Vale de Gato:

O senhor por exemplo o que é que o leva a participar numa manifestação numa tarde tão quente?

Era ontem um peixe sufocado o meu país,
hoje súbito tanta gente buscando brilho de água
que se move

Não sei onde fica, não é um lugar no mapa
É um espaço na boca com sede da gente
numa tarde a mover-se com muito calor, o meu país
Um peixe, um sítio pouco evidente,
ou corpo

exangue, coalho, desabitado de saber
como se juntam os membros, respira-se aqui
com dificuldade, desenvolve-se vocação de submerso
Precisamos de ar

que é uma pergunta a que não se teria de responder logo
porque de princípio devia haver em toda a parte
como O que faremos nós?

O que havemos de fazer
com este peixe? Peixe era cristo e repartiu-se
para se tornar maior – disseram-me que isso era amor
mas eu não sei se creio

De manhã lembrei-me de um país para todos
onde no interior voltassem a crescer crianças
a arregaçar as fraldas das velhotas, esta tarde na TV parece
que meu país é mais que peixe, mas não vou chamar-lhe frota nem mar
pois basta hoje a poesia dos fenómenos pouco óbvios
de quando se juntam pessoas e há sempre alguma coisa,
acontece

Eu fiz este:

Da forma breve desenhada
– peixe, pássaro, pequeno país –
não guardar mais do que o sobressalto,
o desmanchar do tempo
que nos desmancha,
a fúria infantil do giz nos dedos.
O negro asfalto impenetrável
devora até a luz do verão
imaginado um dia, à sombra
da ideia mais vaga de futuro.
Como desinclinat
as vozes
curvadas pela incerteza
é o que não sabemos.
Mas os dias
abrem-se
ao espanto,
como sempre se abriram,
têm degraus infinitos,
corrimões, ângulos agudos.
A grande corola das possibilidades
só se encolhe quando ficamos quietos.

Do poema do Jaime Rocha não tenho registo porque ele escreveu-o à mão, num caderno. Depois desta primeira fase, decidimos fazer um poema que nos aproximasse das imagens e ideias dos poemas escritos pelos outros dois participantes. Eis o resultado:

Poema a partir de Jaime Rocha e de José Mário Silva a partir de Ruy Belo

Sobressalto.
Desmanchar do país, do tempo
à sombra da ideia mais vaga
onde faz ainda escuro.
Desinclinadas as vozes
um peixe agoniza
Agoniza no duro asfalto um país pequeno,
está virado para as casas e esquece
que tem sombra para o mar e faz calor na rua
E pessoas a quem acontece
querer terminar a sede do espaço na boca
aberta neste dia as vozes
desinclinadas
Onde no interior faz a criança a descoberta
do peixe e de um cântico ainda inseguro
a descompasso de degraus
e de um inteiro futuro.

Margarida Vale de Gato

Poema ingénua comprometido

15 de Setembro 2012

O que é um país à procura de futuro?
Coitado de um país que procura um futuro
e só encontra muros e cinza.
Um país sem luz, sem geografia,
com uma mágoa metida no tronco.
Um país doente que rói os ossos
e bebe água por um tubo pequeno.
Um país invadido por um deserto,
sem palavras, um país final.
O que é um país à procura de futuro?
Um país que se levanta inteiro
numa tarde quente.

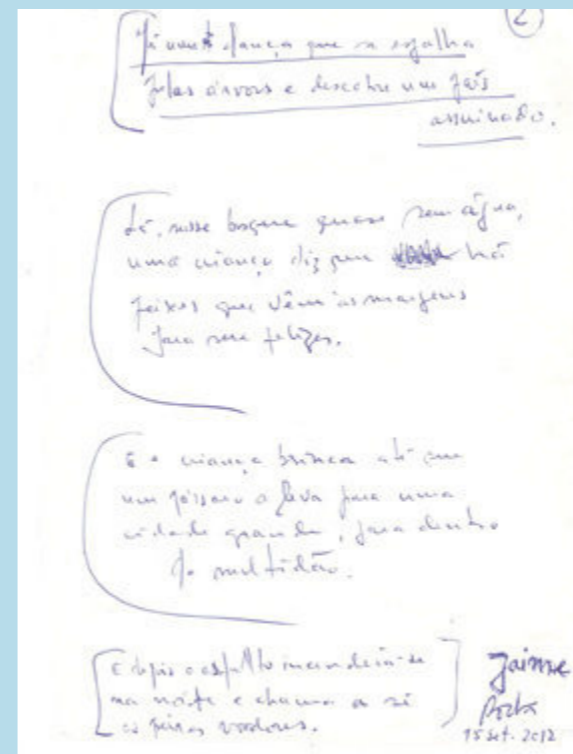
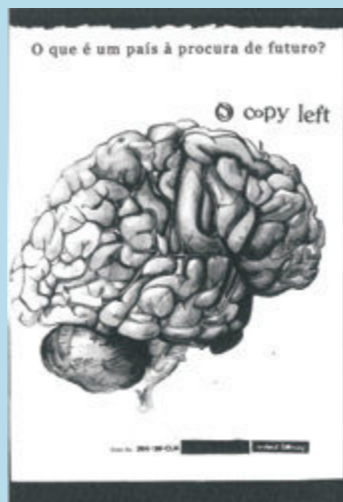
Mais uma vez, não posso partilhar aqui o poema escrito por Jaime Rocha, porque ficou no seu caderno manuscrito. E foi nesse caderno manuscrito que começou a nascer o poema colectivo com que quisemos manifestar-nos à distância:

Alguém disse: «Se tivessem ficado em Lisboa, seriam apenas mais três numa manifestação gigantesca. Pelo contrário, a vossa presença em Foz do Cobrão vai ter um impacto muito mais importante e duradouro.» Olhando para a sessão pública de leitura e apresentação do projecto, que reuniu mais de 40 espectadores (numa aldeia com 49 habitantes), é capaz de haver alguma verdade nesta afirmação. O tempo o dirá. Indiscutível foi a gentileza e extraordinária hospitalidade de todas as pessoas de Vila Velha e de Foz do Cobrão. Sentimo-nos, os três, em casa. E tão depressa não esqueceremos os dias magníficos que ali passámos.

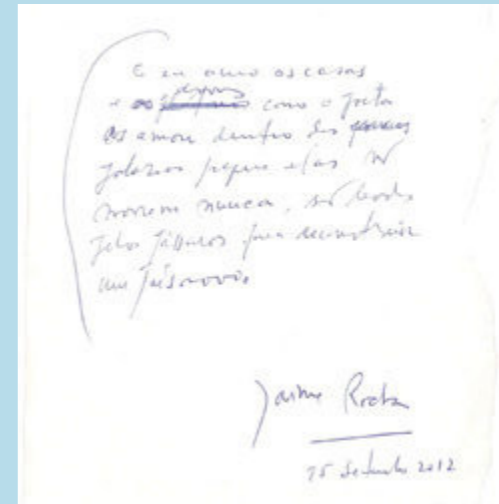
Poema a partir de Margarida Vale de Gato e Jaime Rocha, a partir de Ruy Belo

Inventamos espaço na boca para fenómenos pouco óbvios, como as palavras que nos levam para dentro da multidão, entre outras formas subtis de desenvolver a vocação de submerso. À sombra dos crimes inesperados, reivindicamos a dança no cimo das árvores, a beleza áspera de um sítio pouco evidente. No brilho de água que se move o país é um peixe de guelras abertas, a respirar com dificuldade, brilhando à luz do asfalto que arde na noite, um peixe que lá nas alturas decifra, desenhado a giz, o contorno da sua vocação de pássaro.

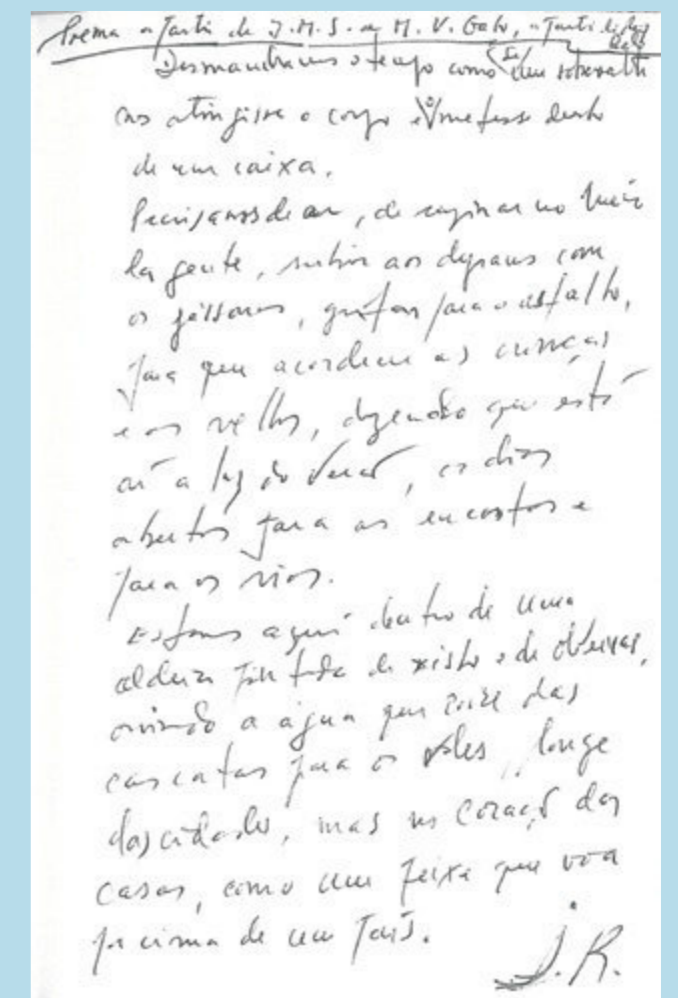
José Mário Silva



Páginas do caderno de Jaime Rocha.



> Verso da página 1.



Poesia, um dia em imagens



1 Cristina Paiva, da Associação Andante, ministra o ateliê *A leitura em voz alta*. 2 Mito Elias explica a um grupo escolar o mural zoológico *Bi-Charada*, desenvolvido por si e por Ana Rita Pires. 3 e 4 Elsa Ligeiro dinamiza *Aqui há poesia*, auxiliada por Silvério Dias e Ilda Pires, na BMJBM. 5 Elsa Ligeiro dinamiza *Aqui há poesia*, auxiliada por Silvério Dias e Ilda Pires, no Centro de Saúde de Vila Velha de Ródão. 6 Visita de um grupo escolar à exposição *Lebres + Papoilas*, onde foram apresentados os desenhos originais dos postais, criados para o evento por Elisa Aragão e Teodora Boneva. 7 Mito Elias apresenta o espetáculo *Private Z(oo)m -Tempo de Bichos*. 8 Elsa Ligeiro dinamiza *Aqui há poesia*, auxiliada por Silvério Dias e Ilda Pires, no Agrupamento de Escolas de Vila Velha de Ródão.

Memórias de um evento inesquecível!



9 e 10 Elsa Ligeiro dinamiza *Aqui há poesia*, auxiliada por Silvério Dias e Ilda Pires e outros leitores de poesia, durante um piquenique no cais do Porto do Tejo. 11 Apresentação do projeto *Voz* pelo ator João Cabral. 12 Elsa Ligeiro dinamiza *Aqui há poesia*, auxiliada por Conceição Figueiredo Sobreira, no Lagar de Varas. 13 Elsa Ligeiro dinamiza *Aqui há poesia*, auxiliada por Silvério Dias e Ilda Pires, no Lar da Santa Casa da Misericórdia. 14 Espetáculo *adVERSUS*, pela associação artística Andante. 15 Elsa Ligeiro dinamiza *Aqui há poesia*, auxiliada por muitos leitores de poesia, na esplanada do CDRC.



Jornal de poesia e recortes de papel: **É absolutamente certo**

Dando a melhor sequência a uma ideia original de Niels Fischer, a BMJBM começou a produzir, no final de 2011, o jornal de poesia e recortes de papel *É absolutamente certo*, título de um conto de Hans Christian Andersen. Têm vindo a ajudar-nos a concretizar este propósito professoras e alunos do Grupo de Necessidades Educativas Especiais do Agrupamento de Escolas de Vila Velha de Ródão, cuidadoras e idosos da Santa Casa da Misericórdia e outros utilizadores da BMJBM. O principal objetivo desta publicação é estimular a criatividade e a expressão artística de pessoas de várias gerações e tornar a poesia uma forma de expressão mais próxima de todos. O jornal tem publicação trimestral e é distribuído gratuitamente.

